

A ÉTICA NA REDE

Fernanda Cristine Vasconcellos *

INTRODUÇÃO

A relação entre a Internet e a ética. Como uma tecnologia tão recente pode depender tanto de um antigo conceito do ser humano?

As sociedades, a comunicação e as relações interpessoais se modificam claramente, mas, alguns valores ainda precisam ser preservados. É preciso agir como cidadão na web.

Os crimes e as barbaridades que acontecem via rede se devem a ela? Será que a facilidade de comunicação ajuda as pessoas a cometerem irregularidades por pensarem que não podem ser identificadas? A potencialização da comunicação é, também, a potencialização do “mau comportamento ético”?

Das relações interpessoais ao jornalismo, uma reflexão sobre como se portar na rede e o que é necessário mudar, tanto em quem faz o conteúdo, como em quem dele usufrui, para que a web possa ser utilizada da melhor forma possível.

É bem verdade que na rede somos quem queremos ser. E é tolo, (ou muito ingênuo) quem acha isso muito diferente da realidade. A “auto-edição” acontece e sempre aconteceu. De que interessa mostrarmos aos outros os nossos piores defeitos?

A OPÇÃO PELO MUNDO COMPARTILHADO

Vivemos na era do individualismo. As pessoas pensam nelas mesmas, agem de forma egoísta (não que todo egoísmo seja ruim), passam mais tempo pensando nas suas ambições pesso-

ais e profissionais que no resto do mundo.

Um terreno ideal para esta tendência pós-moderna é o ciberespaço. Na rede, as pessoas podem exercitar todo o seu individualismo. Mas, ao mesmo tempo, o virtual e, em especial, a Internet, proporciona uma possibilidade de interação (e muitas vezes, integração). Todos esses indivíduos, que pensam e agem individualmente, podem se interligar, a qualquer hora, em qualquer lugar do mundo. Além disso, a possibilidade de troca de cultura, informações e dados é infinita. Nas palavras do filósofo grego, Heráclito: “Os despertados compartilham um mundo único e comum, enquanto cada um dos que dormem se encerra em seu mundo particular”. Se trouxermos isso para o século XXI, podemos ver que, hoje, os despertados são os indivíduos (com características individuais, pensamentos individuais e individualistas) on-line (na rede) e os que dormem são aqueles que estão presos ao seu individualismo, sem dele compartilhar.

PROBLEMAS

Quanto mais as novas tecnologias avançam, mais avança também a preocupação da sociedade com os males que elas possam trazer. “Se não é ruim para a saúde, pode ser ruim para a mente”. O pior ainda não parece ser isso. O pior parece ser, na visão da sociedade, a relação interpessoal. Para onde vai? Como as pessoas vão se tratar?

É bem verdade que na rede somos quem queremos ser. E é tolo, (ou muito ingênuo) quem acha isso muito diferente da realidade. A “auto-edição” acontece e sempre aconteceu. De que interessa mostrarmos aos outros os nossos piores defeitos? Claro que a auto-edição é potencializada pela distância física.

When you are what you say, and you can say anything, the possibilities are as endless as your imagination. In a online context, if I control the text, I have control over the presentation of self, provided we have never had face-to-face contact. I have the

capacity to control what you see and know about me¹.

Um real problema da pós-modernidade é a manutenção da ética. E a sociedade parece depender da “auto-ética”. Sim. Por mais que se diga que as novas tecnologias facilitam a vida do ser humano e que as sociedades estão se modificando, nunca podemos esquecer de um valor antigo chamado “ética”. Para Morin, “Quanto mais a sociedade se complexificar, mais ela necessitará de auto-ética”.

Essa cultura individualista cria um terreno mais permissivo à ultrapassagem das barreiras morais e tende a relativizar, banalizar e desculpabilizar certas fraudes. Isso parece evidente.²

Mas ainda é preciso confiar no senso do ser humano. O bem-estar e a convivência pacífica (ou o mais perto disso) dependem da auto-ética, dos limites traçados pelo próprio indivíduo que estejam de acordo com o “viver em sociedade”.

O individualismo da nossa civilização, como bem viu Alain Ehrenberg, ‘não é tanto [eu diria não é somente] uma vitória do egoísmo sobre o civismo ou do privado sobre o público, mas o resultado do processo histórico da emancipação de massa que instala, para o melhor e o pior, a responsabilidade dos nossos atos em nós mesmos...’. É a dinâmica da ‘paixão de si’ que encontra a ‘responsabilidade de si’ e, ao mesmo tempo, o enfraquecimento do Superego; daí a possibilidade a auto-ética³

Se é assim no “viver em sociedade” por que não pode ser assim no “viver em uma sociedade virtual”? Grande parte das pessoas acha que o virtual e o real são ambientes completamente distintos e que, por isso, as regras do real não valem no virtual. Mas que total absurdo! A possibilidade de publicação de praticamente tudo na web não justifica que isso seja feito. Vale lembrar que a cibercultura não é, de forma alguma, uma cultura que contraria ou se opõe à cultura real, mas uma cultura complementar, que surge na era da tecnologia.

Podemos entender o ciberespaço à luz de duas perspectivas: como o lugar onde

estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não em todo o planeta, a Internet. Estamos caminhando para uma interligação total das duas concepções do ciberespaço pois as redes vão se interligar entre si e, ao mesmo tempo, permitir a interação por mundos virtuais em três dimensões. O ciberespaço é, assim, uma entidade real, parte vital da cibercultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos. Ele não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real.

(...)Assim sendo, o ciberespaço é um não-lugar, uma u-topia onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseada em informações digitais, coletivas e imediatas.

(...)O ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível. Ele é, dessa forma, um espaço mágico, caracterizado pela ubiqüidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico. Estes elementos são característicos da magia como manipulação do mundo⁴.

Então, se o ciberespaço não é desconectado da realidade, não cabe aos usuários dele agir como se fosse. É certo que a rede facilita algumas coisas. Facilita a comunicação, facilita a interação e, inevitavelmente, facilita as “más ações éticas”. O que não se pode confundir é a “maldade” do ser humano com o meio pelo qual ele difunde isso. Se uma pessoa é psicopata ela será psicopata com ou sem a Internet. A rede não tem o poder de transformar um indivíduo em um “mau elemento” em potencial ou o contrário.

Chega de ouvir frases do tipo “é um perigo essa tal de Internet”. Quando a televisão surgiu (e ainda hoje) se falava mal dessa tecnologia.

A violência aumenta: a culpa é da ‘TV crime’. O rendimento escolar cai: a culpa é das horas passadas na frente da telinha e da imbecilidade dos programas. Reaparece a xenofobia: não se devia ter convidado os líderes de partidos de extrema direita para falar na televisão. A abstenção eleitoral aumenta: a culpa é da mídia que imbeciliza os eleitores com seus programas de variedades e transforma a política em espetáculo.

O culpado é sempre o mesmo. Temos um novo demônio responsável por todos os nossos males: a mídia.

*Tamanha diabolização, que lembra um vilão arranhado, não me parece sustentável.*⁵

As tecnologias não são capazes de induzir alguém a fazer algo. Se um homem matou a sua esposa que conheceu pela web depois de sete anos de casamento, o problema não é a rede, mas sim, uma possível patologia psicológica do indivíduo. Se tem algo que causa problemas, barbaridades e estupidez no mundo, com certeza é o próprio ser humano. Afinal, por mais que os filmes de ficção científica insistam em ilustrar, as máquinas ainda não são capazes de, por si só, provocar assassinatos em massa em câmaras de gás ou de lançar bombas atômicas em indivíduos da mesma espécie.

Vale lembrar que a cibercultura não é, de forma alguma, uma cultura que contraria ou se opõe à cultura real, mas uma cultura complementar, que surge na era da tecnologia

E O PÚBLICO COM ISSO?

Pois bem. A Internet é um novo canal de comunicação que possibilita novos tipos de comunicação. Da AOL Time Warner⁶ à padaria da esquina, toda empresa pode ter o seu próprio site. Se o Ministro da Casa Civil, José Dirceu se demite, quase ao mesmo tempo você pode saber pela web. “Perdeu uma receita da Ana Maria Braga? Não tem problema, acesse o site do programa que você encontra tudo.” “Quer encomendar uma pizza? Visite o site do nosso restaurante e peça pela web, é rápido, fácil e o pagamento pode ser feito por cartão de crédito!”. Tudo e todos podem estar na rede.

E, em tudo isso, onde fica o jornalismo? Possibilidades não faltam. Redes de TV, como a Rede Globo, têm portais multimídia onde disponibilizam seus conteúdos jornalísticos (e não jornalísticos) aos internautas. Grandes portais de web como UOL e Terra têm departamentos de

jornalismo inteiros responsáveis por texto, fotos, vídeos e até telejornais⁷ ao vivo e em tempo real. Mas não é só de grandes empresas que vive o jornalismo, ao menos o jornalismo na Internet.

Se o grande problema das mídias impressa e televisiva é o fato de serem controladas por grandes corporações, o que pode (e muitas vezes acontece) comprometer o seu conteúdo jornalístico, além da guerra por venda e audiência, na web, isso não necessariamente acontece. Qualquer pessoa com um blog pode publicar conteúdo jornalístico. Será?

Sim, teoricamente, sim. Jornalistas podem ter blogs para divulgar notícias, por exemplo. Assim, não dependeriam de uma grande empresa.

Se é assim tão fácil, como confiar no conteúdo do que circula na rede? Como ter certeza da veracidade de uma informação se ela nem mesmo leva o carimbo de uma empresa de comunicação? Aí mora a grande mudança. Quando se fala em jornalismo na Internet, fala-se muito mais que somente das facilidades de tempo e espaço, fala-se de uma nova atitude por parte do público e por parte de quem faz a rede.

Com mais possibilidades, cabe ao público buscar o site que mais lhe agrade. Cabe a ele investigar quem pode ou não ter credibilidade e escolher. Mas escolher é difícil, evidentemente, assistir ao canal no qual a televisão está ligada e absorver simplesmente as informações da maneira como elas estão sendo oferecidas é muito mais simples.

Com a Internet, não precisamos somente assistir à matéria que apareceu na TV americana sobre a Guerra do Iraque e aceitá-la como a única verdade possível. Podemos, além disso, ver o que o soldado americano, o civil iraquiano e o jornalista brasileiro têm a dizer sobre isso e podemos formular a nossa própria consciência da realidade.

Não cabe à Internet ser o único meio de comunicação possível, mas sim, algo que possa trazer mais opções ao público. Numa boa lógica comunicacional, quanto mais há concentração ou monopólio dos meios de informação, mais há risco que se estabeleça uma verdade oficial ‘às ordens’⁸.

Essa nova atitude do público combina com uma nova atitude de quem faz a notícia. Reflitamos: se eu⁹, jornalista atualmente morando no Iraque, tenho um blog no qual publico matérias sobre o que acontece nesse lugar, obviamente, eu quero que as pessoas leiam. E mais, eu quero que

as pessoas acreditem no que eu digo. Por isso, preciso atrair a fidelidade e credibilidade do público praticando um jornalismo sério e confiável.

HÁ DE SE SEPARAR O JOIO DO TRIGO

O pluralismo não é um fator de agravação dos riscos de manipulação de informação ou de mentira, mas, ao contrário, uma condição para que vozes minoritárias, opositoras ou divergentes possam ser escutadas. Enfim,. No plano filosófico, a menos que se aceitem os argumentos de auto-ridade, uma notícia não é ‘verdadeira’ apenas por ter sido anunciada na televisão, um saber não é garantido apenas por ser ensinado na universidade. Ainda que isso desagrave alguns crédulos e os preguiçosos, a verdade não é dada pronta (por quem?) mas está constantemente em jogo, em processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica. Ora, o pluralismo intrínseco e a interconexão do ciberespaço (cuja primeira utilizadora, deve-se lembrar, foi a comunidade científica) favorece justamente tais processos ¹⁰.

Portanto, a possibilidade de vários textos, diferentes pontos de vista e, sim, livre expressão, não devem ser encarados como uma desvantagem para o jornalismo. Se há de separar o que é jornalismo e tem intenção de sê-lo (veículos de comunicação) de simples manifestos feitos na rede. A Internet é como um grande mural público onde se pode pendurar desde materiais de utilidade pública com formato e intenção para esse fim, até fotos, piadas, crônicas e todo tipo de expres-

O que não se pode confundir é a “maldade” do ser humano com o meio pelo qual ele difunde isso. Se uma pessoa é psicopata ela será psicopata com ou sem a Internet. A rede não tem o poder de transformar um indivíduo em um “mau elemento” em potencial ou o contrário

são. Se alguém, algum dia, sonhou com a liberdade de expressão pura e simples, aí está a grande oportunidade de ver isso virar realidade.

CONCLUSÕES

Com certeza, ainda há conteúdo impróprio. Cláudio Abramo diz que “a ética do jornalista é a ética do cidadão”. Eu diria: a ética do internauta é a ética do cidadão. Em outras palavras, os internautas são cidadãos do mundo virtual e, como tal, devem se portar. A ética e o bom senso estão no mundo real e fazem parte do *homo complexus (sapiens-demens-ludens-mitologicus-poeticus)*¹¹ e, portanto, devem acompanhar o indivíduo no mundo virtual. Ele deve ser um indivíduo com toda a sua complexidade e todas as suas facetas igualmente na web. Como um *homo complexus* virtual.

O mal ético está na barbárie das relações humanas, no próprio coração da civilização. Enquanto permanecermos como somos, continuaremos bárbaros e mergulhados na barbárie¹².

Então, o suporte (Internet) não faz diferença nas atitudes das pessoas. O que faz diferença é a própria complexidade do indivíduo, seus valores, sua auto-ética.

We are creating a world that all may enter without privilege or prejudice accorded by race, economic power, military force, or station or birth.

We are creating a world where anyone, anywhere, may express his or her beliefs, no matter how singular, without fear of being coerced into silence or conformity¹³.

Liberdade de expressão e ética são tudo, seja no real, seja no virtual.

NOTAS

*Estudante de Jornalismo – FAMECOS/PUCRS

¹ MARKHAM, Annette N. *Life Online*. USA, 1998.

² LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal*. Quebec, 2002.

³ MORIN, Edgar. *O método 6 – ética*. França, 2004.

⁴ LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida soci-*

al na cultura contemporânea. Brasil, 2002.

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**. Quebec, 2002.

⁶ Dia 11 de janeiro de 2000, a maior provedora de acesso à Internet do mundo, América Online (AOL) comprou a Time Warner, grande empresa de entretenimento, por US\$ 166 bilhões (Fonte: **A vida com a TV**, livro de Luiz Costa Pereira Junior). Imagine, uma empresa de Internet, uma tecnologia relativamente nova, se funde com uma empresa que detém canais de TV, produtoras de filmes que são sucessos de bilheteria e gravadoras. Agora, essa empresa sozinha pode dominar o seu dia. Desde quando você acorda, liga a TV, verifica seus e-mails, ouve música no carro, até quando chega à noite em casa e assiste um filme ou uma série na TV a cabo. Assustador?

⁷ Será que a palavra certa seria “telejornal” para um noticiário feito na web? Se respeitarmos a etimologia da palavra, *tele* equivaleria a “à distância” e *jornal* à algo diário (a expressão jornal nasce do francês *jour* que significa “dia”). Portanto, cabe a expressão.

⁸ LÉVY, Pierre. Coletado de DA SILVA, Juremir Machado e MENEZES, Francisco (organizadores) **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre, 2003.

⁹ Situação hipotética, porém nem tanto. A quantidade de blogs de pessoas que moram em regiões de guerra ou de jornalistas que viajam para regiões de conflito e noticiam o que acontece é impressionante.

¹⁰ LÉVY, Pierre. Coletado de DA SILVA, Juremir Machado e MENEZES, Francisco (organizadores) **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre, 2003.

¹¹ Termo usado por Edgar Morin do livro **O método 6** – ética para descrever o indivíduo complexo, com todas as suas facetas.

¹² MORIN, Edgar. **O método 6** – ética. França, 2004.

¹³ BARLOW, John Perry. A declaration of the Independence of Cyberspace. Coletado de: SPILLER, Neil (editor) **Cyber_Reader – Critical writings for the digital era**.

REFERÊNCIAS

BARLOW, John Perry. A declaration of the Independence of Cyberspace. In: SPILLER, Neil (org.). **Cyber_Reader – Critical Writings For the Digital Era**.

LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Brasil, 2002.

LÉVY, Pierre. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. In: MENEZES, Francisco; SILVA, Juremir Machado da (org.) **Para Navegar no Século XXI**. Traduzido por: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: EDIPUCRS e Editora Sulina, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da Cultura Liberal**. Quebec, 2002.

MARKHAM, Annette N. **Life Online**. USA, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6** – ética. França, 2004.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (org.). **A vida com a TV**. Brasil, 2002.

